

MUITO PRAZER, ANFITRIÃO!*

Lilian Nunes da Costa**
Universidade Estadual de Campinas

ABSTRACT: An approach to the theme of pleasure could not be avoided in Plautus' *Amphitruo*, inasmuch as the prologue states (104 f.) that the great Jupiter spares no effort to get the women he desires. Notwithstanding, Plautine craftsmanship disguises the theme in this play with irony, ambiguity and euphemism. It's a curious fact, for instance, that four out of the seven times the word *uoluptas* occurs in the play are within the song (633-653) of the (self proclaimed) virtuous Alcmena, a passage whose value as a serious testimony, or as parody of lyric, is disputed. The dimension assumed by the topic of pleasure in this comedy (as well as its contribution to the generation of poetic effects, the humorous ones among them) is the subject-matter of this paper.

KEYWORDS: Plautus; *Amphitruo*; pleasure; sexual euphemism; *uoluptas*.

* Uma versão prévia do presente trabalho foi apresentada no “XVII Congresso Nacional de Estudos Clássicos” da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC), realizado entre os dias 21 e 25 de setembro de 2009 na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Trata-se de parte da comunicação coordenada intitulada *Plauto e a poética da uoluptas*, da qual também constaram os trabalhos, na sequência, “*Cásina*: um desejo picante”, de Carol Martins da Rocha; “*Báquides* e a poética da *uoluptas*”, de autoria de Isabella Tardin Cardoso.

** liliannc@gmail.com

*Any euphemism ceases to be euphemistic after a time
and the true meaning begins to show through. It's a
losing game, but we keep on trying.*
Joseph Wood Krutch

*Euphemisms are not, as many young people think,
useless verbiage for that which can and should be said
bluntly; they are like secret agents on a delicate
mission, they must airily pass by a stinking mess with
barely so much as a nod of the head.*
Quentin Crisp

1 Introdução

A peça *Anfitrião* (*Amphitruo*) compartilha das convenções da comédia plautina em geral, mas apresenta evidentes idiossincrasias. Dentre elas, além da participação de deuses de autoridade em seu enredo (Júpiter e Mercúrio), destaca-se em sua recepção moderna o fato de ser essa a única *fabula palliata* dentre as transmitidas em que uma *matrona* (ainda que de modo inconsciente) comete adultério contra seu marido. Mas a questão é: de que forma esse tema é apresentado por Plauto? Como mero tópico apelativo? E de que forma se integra na comédia em estudo? No presente artigo, pretendemos abordar tais questões observando o modo como nosso autor lida, nessa peça, com o vocabulário do prazer em língua latina.

Ora, pode-se afirmar que o tema do prazer na comédia *Anfitrião* de Plauto se concentra mais especificamente nos amores carnavais. Tal fato não é de causar surpresa, uma vez que a peça versa sobre os acontecimentos que culminam no nascimento de Hércules; isto é, trata das artimanhas do deus Júpiter para unir-se a Alcmena, esposa do general tebano Anfitrião, que, em campanha militar contra os teléboas, ausenta-se de casa durante certo período.

2 Júpiter como *amator cômico*

É sabido que o deus dos deuses não mede esforços para conseguir as mulheres que deseja, e isso é reiterado por Mercúrio (personagem divina que irá colaborar com os estratagemas de seu pai nas cenas seguintes) no prólogo mesmo da peça, tal como se anuncia:

Mas eu creio que vocês já conhecem como é meu pai, / o quão liberal ele é em muitos desses assuntos / e que *amante* ele será de quem alguma vez tiver caído em seu agrado.¹

Nesta peça – ou antes, no mito grego de Hércules – Júpiter, caracterizado como *amator*,² amante, “toma emprestada” a aparência de Anfitrião para “pegar emprestada”³ também sua esposa.

A lascívia com que Júpiter é representado nesta peça plautina se faz perceber até mesmo por referências a gestos, dedutíveis do texto transmitido.⁴ Ao contrário de Anfitrião (ao menos com base no que o texto deixa transparecer), Júpiter tocaria no corpo de Alcmena. Isso fica claro, por exemplo, quando Mercúrio comenta os “agradinhos” de seu pai: “Observem o quão galantemente ele vai agradar a mulher!”

¹ Cf. *Amphitruo*, v. 104-106: *Nam ego uos nouisse credo iam ut sit pater meus, / Quam liber harum rerum multarum siet, / Quantusque amator siet quod complacitum est semel* (grifos nossos). Os excertos do texto latino do *Amphitruo* foram todos extraídos da edição de A. Ernout, publicada por Les Belles Lettres (Plaute. *Comédies*. Texte établi et traduit par Alfred Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 2001. Tomes I, VI, VII). Todas as traduções são nossas, parte de nossa dissertação de mestrado, *Mesclas genéricas na “tragicomédia” Anfitrião de Plauto* (2010), realizada sob orientação da Profa. Dra. Isabella Tardin Cardoso no IEL-Unicamp e financiada pela FAPESP (processo nº 07/57172-7); encontra-se em preparação para publicação na Editora da Unicamp.

² D. M. Christenson, em sua edição comentada do *Amphitruo* plautino (*Amphitruo*. Edited by D. M. Christenson. Cambridge: University Press, 2000, p. 158), aponta que o termo *amator* carrega conotação puramente sexual por toda a peça.

³ Remetemo-nos, aqui, à expressão que aparece no terceiro verso do *Argumentum I* de *Anfitrião*: *uxorem cepit usurariam*. A expressão, no contexto relacionada à esfera sexual, tem efeito divertido, pois normalmente seria usada na linguagem de negócios, com referência a finanças [cf. sentido 2 apresentado pelo *Oxford Latin dictionary* (OLD): (*of a debt*) *subject to interest*; (*of a debtor*) *liable to pay interest*]. Expressões similares com *usura* voltam a aparecer ao longo da peça: *Vsuramque eius corporis cepit sibi* (v. 108), *Cum | Alcumena | uxore usuraria* (v. 498), *Cum hac usuraria / Vxore* (v. 980-981), *Alcumenae usuram corporis / Cepi* (v. 1135-1136); os dois primeiros trechos são falas de Mercúrio, os últimos, de Júpiter. Sobre a possível conotação sexual que o termo assume, cf. J. N. Adams (*The Latin sexual vocabulary*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1990, p. 198) e também Christenson (*In: Plautus, op. cit.*, 2000, p. 39-40).

⁴ Sobre referências a gestos no conjunto da obra plautina e, em especial, em *O soldado fanfarrão* (*Miles Gloriosus*) cf. tese de Isabella Cardoso (Cardoso, I. T. *Ars Plautina*. Tese de doutoramento inédita. São Paulo: FFLCH-USP, 2005.), sobretudo os capítulos III (“Gestos e metalinguagem”) e IV [“Efeitos das cenas dos gestos (Mil. 200-13) n° O soldado fanfarrão”].

(*Obseruatote, quam blande mulieri palpabitur*, v. 507); e também, mais adiante, “Ele não está fazendo como eu disse? Ele está impressionando a boba com agrados!” (*Facitne ut dixi? timidam palpo percutit*, v. 526).⁵ Alcmena, nervosa com as contradições que observa no comportamento de seu esposo – que ela ainda acredita ser um só, o original –, acaba reagindo negativamente a todos esses carinhos de Júpiter: “Dá para manter esta mão longe de mim?” (*Potin ut abstineas manum?* v. 903).⁶

O apego de Júpiter aos prazeres carnavais também se mostra claro em diversas referências mais diretamente sexuais. Mercúrio afirma, transcorridos pouco mais de cem versos do prólogo, por exemplo, que Júpiter engravidou Alcmena com seus “amassos” (*Et grauidam fecit is eam compresso suo*, v. 109). A expressão *compresso suo* empregada por Mercúrio, que significa mais literalmente “com seu aperto/ pressão”, é um eufemismo sexual.⁷ É interessante observar que J. N. Adams, em *The Latin sexual vocabulary*,⁸ afirma que *comprimo* é o termo padrão que designa as indiscrições dos jovens (*adulescentes*) na comédia. É estranho conceber Júpiter como personagem do tipo *adulescens*, ainda mais porque, disfarçado de Anfitrião, ele deveria ter assumido a aparência de um *senex*, tal qual o general (v. 1072). Por outro lado, as aventuras amorosas do deus e seus triunfos na peça realmente combinam mais com as características dos *adulescentes* plautinos. Assim sendo, perscrutando-se uma lógica plautina, por que não assumir, também na descrição de Júpiter, um termo próprio às atitudes deles? Vemos, portanto, que o vocabulário do prazer é aqui empregado para caracterizar de modo cômico, provocando humor pela brincadeira com os tipos da comédia, com as convenções desse gênero dramático.⁹

⁵ O *OLD* apresenta as seguintes acepções para o verbo *palpari*: 1 *to stroke, caress* (“afagar, acariciar”) e 2 (*fig.*) *to act in a soothing or cajoling manner* (“agir de maneira tranquilizante ou aduladora”). Adams (*op. cit.*, p. 208) comenta o uso de *palpor* como referência a “masturbação”.

⁶ Há uma reação feminina similar à de Alcmena no verso 425 de *O cabo* (*Rudens*): *Non ego sum pollucta pago. Potin ut me abstineas manum?* [texto latino extraído da edição de Ernout (Plautus, *op. cit.*, 2001)]. Cf. Christenson (*In: Plautus, op. cit.*, 2000, p. 282), que vê Júpiter caracterizado de modo mais lascivo que Anfitrião.

⁷ Cf. Christenson. *In: Plautus, op. cit.*, 2000, p. 158.

⁸ Cf. Adams, *op. cit.*, p. 182.

⁹ Sobre as convenções genéricas relacionadas aos *senes amatores* em Plauto cf. Rocha [Lisidamo de “Cásina”: um velho apaixonado entre os “senes amatores” da comédia plautina. In: CONSTANTINI, A. C. et alii (Eds.) *Anais do SETA*. Campinas: IEL- Unicamp, 2008. Vol. III, p. 132-143].

Em outro ponto do prólogo, porém, Mercúrio se refere às relações de Júpiter com Alcmena utilizando um eufemismo sexual mais genérico e muito comum na comédia plautina: o verbo *cubare*, i.e. deitar-se (com alguém), que encontramos em: *Et meus pater nunc intus hic cum illa cubat*, v. 112 (em português “E meu pai agora se deita com ela, ali dentro”). O mesmo verbo, que volta a aparecer em outras partes da peça (com conotação sexual especialmente nos versos 287 e 290),¹⁰ é retomado ainda no prólogo, acompanhando outro eufemismo de Mercúrio, que, mais precisamente, diz que seu pai “se deita abraçado a quem mais deseja” (*Cubat complexus, cuius cupiens maxime est*, v. 132; grifos nossos).

O fato de que termos latinos que significam “abraçar” ou “segurar” (*embrace, hold*) tinham emprego também como eufemismos sexuais é atestado por Adams.¹¹ Encontramos outro exemplo já depois do prólogo da peça em apreço, e, novamente, é Mercúrio quem fala, novamente descrevendo o caso de seu pai com Alcmena: “Para que meu pai pudesse abraçar tranquilamente a moça” (*Patri ut liceret tuto illam amplexarier*, v. 465; grifos nossos).

A última consideração eufemística de Mercúrio sobre o comportamento amoroso de Júpiter aparece na cena seguinte: “Por Pólux, se a outra lá soubesse que você fica dando atenção a essas coisas” (*Edepol ne illa si istis rebus te sciat operam dare*, v. 510). A “outra lá” (*illa*) é a esposa do infiel Júpiter, a deusa Juno, que, para felicidade de todos, não aparece na peça.¹² D. M. Christenson¹³ aponta que tanto “dar atenção” (*operam*

¹⁰ *Vbi sunt isti scortatores, qui soli inuiti cubant?* (“Onde estão estes depravados que não gostam de se deitar sozinhos?”) e *Qui complexus cum Alcmena cubat amans, animo opsequens* (“Apaixonado, deita-se abraçado com Alcmena, submisso à própria vontade”). Os grifos são nossos.

¹¹ Cf. Adams, *op. cit.*, p. 181-182.

¹² Christenson (*In: Plautus, op. cit.*, 2000, p. 231) comenta que, neste momento, Mercúrio apontaria para o céu (provavelmente para deixar claro a quem ele se referia). As serpentes que, na tradição literária, aparecem para matar Hércules costumam ser tidas como enviadas pela ciumenta Juno; cf., por exemplo, Píndaro (*Nem.* 1.33) e Teócrito (*Id.* 24.13-16). As serpentes estão presentes na peça plautina, mas a escrava Brômia, que narra como o recém-nascido as enfrenta, não faz qualquer menção a Juno. Os espectadores, segundo Christenson (*In: Plautus, op. cit.*, 2000, p. 312), provavelmente teriam familiaridade suficiente com a história para saber disso.

¹³ Cf. Christenson. *In: Plautus, op. cit.*, 2000, p. 231-232.

dare)¹⁴ quanto “essas coisas” (*istis rebus*) são eufemismos para o ato sexual, o que é sustentado também por Adams.¹⁵

Res (que, como sabemos, a princípio significa “coisa”) poderia ser entendido como eufemismo sexual também em uma fala de Júpiter, gerando duplo sentido: “Eu vou para dentro fazer o *sacrifício*, conforme jurei” (*Ego rem diuinam intus faciam, uota quae sunt*, v. 966; grifos nossos). A tradução de *res diuina* por seu significado de “sacrifício” não dá muito espaço para o duplo sentido, arriscando apagar a ironia dramática em português.¹⁶ No contexto, traduzir a expressão mais literalmente por “assuntos divinos” talvez possa abrir maiores possibilidades para interpretações outras, incluindo a de cunho sexual.¹⁷ E, assim, Júpiter não estaria mentindo, afinal, sendo ele próprio um deus, certamente haveria de cuidar de “assuntos divinos”, i.e. de seu próprio interesse.

Vemos, portanto, que o prazer associado ao comportamento da personagem Júpiter nesta comédia é referido: ora, mais diretamente, por termos como *amator*, no prólogo (v. 106); ora por referências a sua gestualidade e marcação cênica (v. 507, 526, 903); ora, ainda, por expressões mais discretas, quer ambíguas (v. 966), quer eufemísticas (v. 109, 112, 132, 287, 290, 465, 510), quer irônicas (v. 966).

3 Alcmena e a *uoluptas* cômica

Não apenas Mercúrio e o próprio Júpiter fazem alusões aos momentos íntimos passados com Alcmena: ela mesma comenta sobre a noite anterior. A diferença é que ela não está consciente de que seu parceiro era ninguém menos que o supremo Júpiter e não seu marido, que – coitado – ainda tem de ouvi-la narrar com alguns detalhes (v. 799 – 808) o que ela havia feito com seu (supostamente legítimo) companheiro. Alcmena simplesmente não entende porque é chamada de “falsa” (*falsa*, v. 813) por seu esposo – o verdadeiro, que esteve no navio à noite, não na cama com ela – e então profere a seguinte fala

¹⁴ Cf. também *Trinumo* (*Trinummus*): *In foro operam amicis da, ne in lecto amicae, ut solitus es* [v. 651, texto latino extraído da edição de Ernout (cf. Plautus, *op. cit.*, 2001), grifo nosso].

¹⁵ Cf. Adams, *op. cit.*, p. 157 e 203.

¹⁶ Sobre momentos de ironia dramática por meio de menção a deuses em *Anfitrião*, cf. capítulos IV.1 (“A herança grega”, p. 14-15) e IX (“Sobre a tradução de *Anfitrião*: linguagem e métrica”, p. 53) de nossa dissertação de mestrado, referida na nota 2.

¹⁷ Lembrada por Christenson. In: Plautus, *op. cit.*, 2000, p. 288.

inocente: “Em que errei com você, se estive com você, com quem eu sou casada?” (*Quid ego tibi deliqui, si cui nupta sum tecum fuit?* v. 817). A construção *esse cum aliquo* (aqui na forma *tecum fui*), como lembram Christenson¹⁸ e Adams,¹⁹ era um eufemismo polido para a atividade sexual... para desespero de Anfitrião.

Alcmena se refere à noite que passou acompanhada (mas desta vez dirigindo-se a quem estava realmente lá, isto é, o “Anfitrião divino”) ainda em outro momento: “Ah, eu estou vendo mesmo: pois você vai embora na mesma noite em que veio até mim” (*Sentio:/ Nam qua nocte ad me uenisti, eadem abis*, v. 531-532). Também nessa fala Alcmena poderia estar se referindo ao caráter sexual do encontro. Christenson²⁰ observa que, em todos os períodos do latim, verbos de movimento (*verbs of coming and going*, nesse caso, *uenire*) seriam de largo uso para se referir eufemisticamente à atividade sexual.²¹

O verbo *uenire*, especificamente, podia ser utilizado em referência a homens que visitassem prostitutas.²² Lembremo-nos também que, nas peças de Plauto, frequentadores de prostíbulo podem ser chamados *adutores*, como ocorre em *Truculento* (*Truculentus*): “Se você for agir com justiça, não acuse meus clientes, cujos presentes por mim aceitos considero dignos de gratidão” (*Si aequom facias, adutores meos <non> incuses, quorum/ Mihi dona accepta et grata habeo*, v. 616-617).²³ Ainda nesse campo semântico dos verbos de movimento, é possível pensar em duplo sentido também na seguinte fala de Anfitrião (a respeito de Júpiter):

¹⁸ Cf. Christenson. *In: Plautus, op. cit.*, 2000, p. 271.

¹⁹ Cf. Adams, *op. cit.*, p. 177.

²⁰ Cf. Christenson. *In: Plautus, op. cit.*, 2000, p. 237.

²¹ Cf. também Adams, *op. cit.*, p. 175-176.

²² Christenson (*In: Plautus, op. cit.*, 2000, p. 237) e Adams (*op. cit.*, p. 176) citam usos no poema 32 de Catulo [*Amabo, mea dulcis Ipsithilla/ Meae deliciae, mei lepores,/ Iube ad te ueniam meridiatum*, v. 1-3, texto latino extraído da edição de G. Lafaye (Catulle. *Poésies*. Texte établi et traduit par Gerorges Lafaye. Paris: Les Belles Lettres, 1996)] e na peça *A sogra* (*Hecyra*) de Terêncio [*Nam nemo illorum quisquam, scito, ad te uenit/ Quin ita paret sese abs te ut blanditiis suis/ Quam minumo pretio suam uoluptatem expleat*, v. 67-69, texto latino extraído da edição de T. E. Page, E. Capps e W. H. D. Rouse (Terence. *The mother-in-law*. Edited by T. E. Page, E. Capps and W. H. D. Rouse. With an English translation by John Sargeaunt. London: William Heinemann, 1931)]. Os grifos são nossos.

²³ Texto latino extraído da edição de Ernout (cf. Plautus, *op. cit.*, 2001).

“Mas onde ele está? Foi para dentro, por Pólux, imagino, atrás de minha esposa” (*Sed ubi illest? intro edepol abiit, credo, ad uxorem meam*, v. 1045).²⁴

Mas voltemos a Alcmena. Sua fala mais célebre na peça é, sem dúvida, a “ária” compreendida entre os versos 633-653. Há quem aponte a seriedade da passagem; mas, apesar disso, o tom paródico da cena se faz ver (como sugerem diversos estudiosos).²⁵ Logo de início, há algumas questões cênicas envolvidas que poderiam provocar o riso: o fato de Alcmena ser interpretada por um homem (o que, segundo se acredita,²⁶ ocorria com todos os papéis femininos à época de Plauto) e provavelmente trazer um enchimento enorme na barriga para simular um estágio avançado de gravidez.²⁷ Mas não só a aparência da personagem quebraria a tentativa de encômio à virtude: suas próprias palavras o fazem, já na primeira metade de sua “ária”:

Na vida e no passar dos anos, não é coisa bem pequena o *prazer/* em comparação com o que é desagradável? Assim foi programado cada aspecto da vida humana./ assim é a vontade dos deuses: que a tristeza, tal como uma companheira, acompanhe o *prazer/*; se algo de bom cabe a alguém, isso não acontece sem que haja ali inconvenientes e mais males./ Pois agora eu experimento isso pessoalmente e o sei por mim própria, a quem o *prazer/* foi dado por pouco tempo; somente durante uma noite tive a possibilidade de ver meu marido./ Mas repentinamente ele partiu daqui, para longe de mim, antes de amanhecer./ Agora parece que estou sozinha aqui, porque ele, que eu

²⁴ Cf. Christenson (*In: Plautus, op. cit.*, 2000, p. 302), que remete a Adams (*op. cit.*, p. 175-176).

²⁵ Cf., por exemplo, Cardoso, *op. cit.*, 2001. Para discussão, cf. ainda Christenson (*In: Plautus, op. cit.*, 2000, p. 34-45).

²⁶ Cf., por exemplo, G. E. Duckworth (*The nature of Roman comedy*. Princeton: University Press, 1971, p. 76), que remete a Donato (*ad And.* 716).

²⁷ Esse detalhe do figurino se deduz, por exemplo, do seguinte trecho: “SÓSIA: Anfitrião, é melhor que nós voltemos para o navio. ANFITRIÃO: Para quê?/ SÓ: Porque em casa ninguém vai dar almoço a nós, que estamos chegando. / AN: Por que isso foi passar pela sua cabeça agora? SÓ: Porque estamos chegando tarde. / AN: Por quê? SÓ: Porque percebo que a Alcmena já está em pé em frente de casa *de barriga cheia*” (*SO. Amphitruo, redire ad nauem meliust nos. AM. Qua gratia?/ SO. Quia domi daturus nemo est prandium aduenientibus./ AM. Qui tibi nunc istuc in mentem uenit? SO. Qui <a> enim sero aduenimus./ AM. Qui? SO. Quia Alcumenam ante aedis stare saturam intellego*, v. 664-667). Grifos nossos.

amo acima de todos, está ausente daqui. / Obtive mais infelicidade com a partida de meu marido que *prazer* com sua chegada.²⁸

Alcmena se lamenta de ter estado por tão pouco tempo com seu marido, quando se sabe que, na verdade, Júpiter fez com que a noite fosse mais longa para ficar mais tempo com a esposa de Anfitrião (v. 113-114, 271-283). E ela insiste em frisar que os momentos de prazer (cf. *uoluptas* nos versos 633, 635, 637, 641, como acima assinalado) são breves demais. Ora, o termo *uoluptas* pode ser mais um eufemismo sexual em latim.²⁹ Mercúrio faz uso desse sentido no prólogo: “Enquanto isso, ele obtém prazer <com> essa mulher, a quem ele deseja” (*Dum <cum> illa quacum uult uoluptatem capit*, v. 114). Além disso, há um trecho em que as palavras do voluptuoso Júpiter (ainda em seu “papel de Anfitrião”) ecoam as de Alcmena na referida passagem: “Pois com o passar dos anos, muitas coisas acontecem para os humanos deste modo: conseguem-se prazeres, conseguem-se depois misérias; sobrevêm discórdias, fazem depois as pazes”.³⁰

Não parece exagero afirmar, então, que a acepção mais sexual de *uoluptas* na fala de Alcmena é muito pertinente, e mesmo bem-vinda à peça. E, convenhamos, como já se apontou,³¹ a imagem dessa Alcmena que não se sentiu satisfeita mesmo após uma longa noite com o próprio Júpiter acaba por comprometer interpretações muito sérias de sua “ária”. Todo esse apreço por *uoluptates* empresta à figura de Alcmena, ao menos neste ponto da peça, um pouco do caráter lascivo de seu “esposo substituto”, Júpiter.

²⁸ *Satin parua res est uoluptatum in uita atque in aetate agunda, / Praequam quod molestum est? ita cuique comparatum est in aetate hominum; / Ita di <ui> s est placitum, uoluptatem ut maeror comes consequatur; / Quin incommodi plus malique ilico adsit, boni si optigit quid. / Nam ego id nunc experior domo atque ipsa de me scio, cui uoluptas / Parumper datast, dum uiri mei mihi potestas uidendi fuit / Noctem unam modo; atque is repente abiit a me hinc ante lucem. / Sola hic mihi nunc uideor, quia ille hinc abest, quem ego amo praeter omnis. / Plus aegri ex habitu uiri quam ex aduentu uoluptatis cepi* (v. 633-641; grifos nossos).

²⁹ Cf. Adams, *op. cit.*, p. 196-198; Christenson. In: Plautus, *op. cit.*, 2000, p. 251-252; OLD 5.

³⁰ Cf. texto latino dessa passagem: *Nam in hominum aetate multa eueniunt huius modi: / Capiunt uoluptates, capiunt rursus miserias; / Irae interueniunt, redeunt rursus in gratiam* (v. 938-940) e a seguinte fala de Alcmena: *Satin parua res est uoluptatum in uita atque in aetate agunda, / Praequam quod molestum est? ita cuique comparatum est in aetate hominum; / Ita di <ui> s est placitum, uoluptatem ut maeror comes consequatur; / Quin incommodi plus malique ilico adsit, boni si optigit quid* (v. 633-636).

³¹ Cf. *supra* nota 18.

4 Considerações finais: o discreto prazer em *Anfitrião*

Com base nas passagens comentadas, percebemos que a tópica do prazer sexual perpassa a comédia *Anfitrião*. Porém, pode-se dizer que essa presença, ainda que constante, é de certa forma sutil, já que os recursos mais frequentes na caracterização do prazer são, como vimos, figurados, nomeadamente em forma de eufemismos.³² Entretanto, ainda que expressos de maneira amenizada, os temas sexuais têm importante função na peça.

Primeiramente, é a luxúria de Júpiter que desencadeia toda a ação: não fossem os desejos libidinosos do deus dos deuses não teríamos toda a divertida confusão na casa de Anfitrião – e muito menos o nascimento do grande Hércules.

Além disso, o apreço pelos prazeres do sexo contribui para a caracterização de duas das principais personagens dessa comédia plautina: além de Júpiter, cuja voluptuosidade já é bem conhecida também de outros episódios mitológicos, temos Alcmena. Conforme buscamos demonstrar nas passagens acima referidas, sob um olhar atento à dimensão do prazer presente na peça, a imagem dessa *matrona* se modifica: a versão plautina não a retrata tanto enquanto vítima de um capricho divino, passando a ter um destaque mais divertido por conta de seu apetite sexual sob o véu da ironia dramática. Tal apetite se mostra de maneira ao mesmo tempo marcante e velada, pois integra a dimensão eufemística, mas constante, assumida pelo tema do prazer no *Anfitrião* plautino. É dessa forma que, ao sublinhar na ação e no léxico os prazeres carnavais, essa comédia brinca de maneira tão bem-humorada com um dos mais célebres mitos da tradição “grega”.

³² Cabe lembrar que outras peças plautinas também abordam a temática do prazer podem tratá-la de maneiras diversas, por exemplo, recorrendo a metáforas [relacionadas ao mundo animal e teatral em *Báquides* (*Bacchides*) e a temperos em *Cásina* (*Casina*), para citar apenas algumas]. Cf., no volume VII, n. 1 desta publicação, o artigo de C. M. Rocha (“Cásina”: um desejo picante. *Nuntius Antiquus*. Belo Horizonte, vol. VII, n. 1, p. 31-44, 2011) e “*Báquides* e a poética da *uoluptas*”, de autoria de I. T. Cardoso (material inédito).

Referências

- ADAMS, J. N. *The Latin sexual vocabulary*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1990.
- BEARE, W. *The Roman stage. A history of Roman drama at the time of republic*. London: Methuen & Co. Ltd., 1964.
- CARDOSO, I. T. *Ars Plautina*. Tese de doutoramento inédita. São Paulo: FFLCH-USP, 2005
- CARDOSO, I. T. “Matronae Virtuosae” no “Stichus” de Plauto. *Phaos*. Campinas, vol. I, p. 21-38, 2001.
- CATULLE. *Poésies*. Texte établi et traduit par Georges Lafaye. Paris: Les Belles Lettres, 1996.
- COSTA, L. N. *Mesclas genéricas na “tragicomédia” “Anfitrião” de Plauto*. 2010. Dissertação (Mestrado). Campinas: IEL-Unicamp, 2010. (Inédita).
- DUCKWORTH, G. E. *The nature of Roman comedy*. Princeton: University Press, 1971.
- GLARE, P. G. W. (Ed.). *Oxford Latin dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1982.
- PLAUTE. *Comédies*. Texte établi et traduit par Alfred Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 2001. Tomes I, VI, VII.
- PLAUTE. *Amphitruo*. Edited by D. M. Christenson. Cambridge: University Press, 2000.
- ROCHA, C. M. Lisidamo de “Cásina”: um velho apaixonado entre os “senes amadores” da comédia plautina. In: CONSTANTINI, A. C. *et alii* (Ed.). SETA. *Anais...* Campinas: IEL- UNICAMP, 2008. Vol. III, p. 132-143.
- TERENCE. *The mother-in-law*. Edited by T. E. Page, E. Capps and W. H. D. Rouse. With an English translation by John Sargeant. London: William Heinemann, 1931.